

06-01-2022

A ÉTICA PEDE SOCORRO

Mariane Motta Ferreirinha

[Geógrafa e Professora – SEEDUC-RJ]

Os longos cabelos repousavam sobre os ombros desenhando curvas que se moviam suavemente no compasso cadenciado do andar. Como as ondas do mar do Rio de Janeiro sob a luz do sol dourado do entardecer caminhava. Esguia, longilínea, elegante.

Trajada de puro linho: alvo, sem manchas e perfeitamente vincado. A altivez, os ombros alinhados, o queixo para cima, o olhar firme e os passos seguros demonstravam quem era ela: a ética. Consciente de si, gravou seu nome da pedra fundamental, filosófica. Seguiu à espera do outro na busca por realizar-se.

No encontro o questionamento: “Eu quero?” “Eu posso?” “Eu devo?”. Olhando para o outro e para dentro de si avalia as consequências, os meios, os fins, os inícios...

Questiona-se: passividade ou atividade? A atividade de avaliar as variáveis e se governar ou a passividade do deixar-se levar?

Levar-se pelos impulsos, mergulhar de corpo e alma no mar das paixões, do desejo infantil e narcísico como se o mundo e os sujeitos fossem servidos numa bandeja de prata pronta ao deleite. Objetos de desejo, passíveis de serem utilizados, consumidos ao bel prazer. Ora, não há nada de mau.

Os fins justificam os meios, não é mesmo? A sociedade fluida, líquida - permeada pelo capitalismo selvagem, pelo fetiche da mercadoria - não se realiza apenas no campo econômico e do consumo, mas transmuta-se para todas as relações humanas.

Bauman (2001) nos sinalizou sobre essa liquidez na qual as relações sociais, econômicas e de produção se constituem frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos. Liquidez que se materializa, por exemplo, através das relações de trabalho com altíssimos níveis de exploração - como o caso da “uberização” - que tiram do trabalhador direitos fundamentais, mas que também atravessam as relações afetivas entre os sujeitos, o que o autor chama de “amores líquidos”. Na lógica capitalista, as relações humanas são contaminadas pelas células cancerígenas do egocentrismo e do narcisismo. Nas relações de trabalho emergem as feridas da dominação, da subalternização do mais fraco. Nas do homem com a Terra manifesta-se a exploração máxima dos recursos, a pressão sobre a natureza, materializada nas cicatrizes dos rios de lama e rejeitos da mineração, na doença dos solos pelos agroquímicos provenientes do modelo exploratório do agronegócio, e no rastro de morte deixado pelos incêndios nas áreas vegetadas. Bem-vindo à sociedade do consumo, do latim “*consumere*”: esgotar. Uma imensa boca aberta que joga goela abaixo tudo o que vê pela frente: recursos, pessoas, afetos. A sociedade capitalista atual violenta a ética.

A pega pelos cabelos e rasga as roupas de linho. Ela grita por socorro: “Chamem a polícia! Os bombeiros! O SAMU!”

Dentro da ambulância, imobilizada, recebe uma máscara de oxigênio. O oxigênio são os textos, a luta através da palavra, da teoria, que em poucos instantes se esvai em vapor, porque são SÓ PALAVRAS. Ela agoniza nesta contradição: o vazio das palavras que não se tornam ação. Fomos “cuspidos” num contexto perverso, mas não precisamos corroborar com a perversidade do capitalismo ao longo de nosso caminho existencial.

O poeta Pierre Reverdy disse: “a ética é a estética de dentro” por isso é muito importante estar em constante vigilância para que não nos tornemos engrenagem sórdida da máquina que tanto nos esforçamos para insurgir. Assumir-se como um sujeito ativo, que se governa, que exerce sua própria consciência ficando os pés em princípios como liberdade, verdade, justiça e responsabilidade, é fundamental para que a nossa luta e militância não se torne uma verdadeira falácia. Marilena Chauí (2000, p. 434) dirá que o sujeito ativo é aquele que “[...] avalia sua capacidade para dar a si mesmo as regras de conduta, consulta sua razão e sua vontade antes de agir, tem consideração pelos outros sem subordinar-se nem submeter-se cegamente a eles, responde pelo que faz, julga suas próprias intenções e recusa a violência contra si e contra os outros.”

A autora sintetiza afirmando que assumir uma postura ativa significa tornar-se um sujeito autônomo. Autonomia, palavra de origem grega que em sua etimologia significa algo como “aquele que tem o poder para dar a si mesmo a regra, a norma e a lei.”

A ética pede socorro. Alguns dizem: “Que horror! Alguém precisa fazer alguma coisa!” Eis a clássica frase dos covardes.

O que é a sociedade se não um conjunto de sujeitos? Eu, você, nós... Há que se trazer para si algumas responsabilidades, jogar “para os peitos”, assumir com autonomia um compromisso ético.

Talvez precisemos desenvolver “o ato de cuidar como *ethos* humano” (Boff, 2001, p.33), como bússola que orienta a existência. Um modo-de-ser essencial que se materializa em ação: cuidado com o próximo, com o planeta, com um modo de vida sustentável, com os pobres e excluídos, com o nosso corpo e saúde e até com a nossa alma e espírito. Por fim, lá se vai a ética respirando por aparelhos dentro da ambulância. A sirene ensurdecidora avisa à vizinhança que alguém está em perigo e precisa de cuidados.

Que estejamos junto dela, uns limpando e suturando suas feridas, outros segurando a máscara em seu rosto controlando a oxigenação, e que ainda estejam aqueles que fiquem ali ao seu lado derramando afeto através do toque carinhoso e afável das mãos. Mas, para tanto, recordando o mestre Cazuza, isso só será possível quando nossas ideias corresponderem verdadeiramente aos fatos.

■ ■ ■

Textos utilizados:

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 7ª edição - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.